

PLATÃO, SEUS DIÁLOGOS E A “PALAVRA VIVA NA ALMA”

META

Apresentar Platão, seus diálogos e sua noção de “palavra viva na alma”.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: conhecer algumas idéias contidas nos diálogos de Platão escritos na maturidade, destacando-se “A República”; listar os diálogos de Platão da maturidade e da velhice, conhecendo suas idéias básicas; entender o pensamento de Platão em sua “alegoria da caverna”; compreender as idéias contidas na “Carta Sete”, sobre o filosofar; e compreender a importância que Platão confere ao diálogo na prática filosófica.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre a idéia socrática de crítica ao senso-comum.



INTRODUÇÃO

Metafísica

Estudo através do qual se busca produzir um discurso sobre a estrutura última do mundo onde vivemos.

Platão, como sabemos, foi um grande amigo e aluno de Sócrates. Os interesses de Platão incluíam as ciências da natureza, a política, as artes, a **metafísica** e a ética. Seus diálogos são muito famosos e continuam inspirando os homens em sua busca pelo conhecimento. Na maturidade, Platão escreveu muitos diálogos, entre os quais destacam-se a República (no qual ele realiza uma reflexão sobre como seria a sociedade ideal), o Fédon (no qual ele reflete sobre a questão da imortalidade da alma) e o Banquete (no qual ele desenvolve uma profunda reflexão sobre o amor). Na velhice, os diálogos que se destacam são o Sofista (no qual ele analisa o conceito e a função da sofística) e as Leis (seu último diálogo, incompleto, em que ele critica as leis de Atenas e sugere modificações). Além disso, temos algumas cartas de Platão que chegaram ao nosso conhecimento. Vejamos sucintamente algumas das idéias que esses textos de Platão nos oferecem.



Para Platão, o essencial só pode ser atingido pelo pensamento.

Outros famosos diálogos da maturidade: Fedro, Mênon, Teeteto, Parmênides, Timeu.
Outro famoso diálogo da velhice: Filebo.

“PALAVRA VIVA NA ALMA”

Na República, Platão escreve sua famosa “**Alegoria** da Caverna”, em que faz uma metáfora da educação e da ignorância. Nessa alegoria, Platão descreve os homens ignorantes como prisioneiros acorrentados no fundo de uma caverna escura, não tendo acesso à realidade, mas apenas aos reflexos dos objetos verdadeiros que passam por trás deles, diante de uma fogueira. Essas correntes que aprisionam os homens, pode-se dizer, são as falsas opiniões, e os reflexos na parede do fundo da caverna, as aparências.

Para Platão, o essencial não pode ser visto, nem tocado, pois não é material e sensível: as essências dos objetos materiais só podem ser apreendidas pelo pensamento. É através do pensamento ou da razão (e nisso Platão segue fielmente o pensamento socrático) que os homens podem se libertar das correntes que os aprisionam. Entretanto, o prisioneiro precisa ser libertado por alguém. Esse exercício de libertação é duro e doloroso: a princípio, não é fácil mover os membros, pois esses não estão acostumados aos movimentos.

Da mesma forma, é o exercício do aprendizado: nossa cabeça realmente dói quando estamos aprendendo coisas novas; é difícil memorizá-las e compreendê-las, mas quão bom é o resultado quando dominamos o conhecimento. É como aprender a andar de bicicleta: primeiro, caímos, ralamos, nossos músculos doem, mas depois andamos de bicicleta sem qualquer problema e com grande prazer. A busca pelo conhecimento tem um prêmio ainda maior: a libertação. O homem, ao libertar-se das correntes, sai da caverna e pode, enfim, ver o mundo como realmente é, as coisas como realmente são.

Passarei agora, meu caro aluno, a falar um pouco sobre a Carta Sete. Nessa carta, Platão faz um admirável exercício socrático de reconhecimento da própria ignorância, valorização do diálogo entre os homens e denúncia dos donos da verdade. Platão nos fala ainda sobre um ex-aluno seu, Dionísio, que era rei da cidade grega de Siracusa (na atual Sicília). Diz-nos o filósofo que esse homem não tinha qualquer possibilidade de ser um verdadeiro filósofo, simplesmente porque acreditava saber o suficiente sobre Filosofia. Platão aponta o absurdo de uma tal pretensão: não é filósofo quem simplesmente sabe de cor uma série de afirmações filosóficas ou é capaz de falar sobre Filosofia. Ser filósofo é ter um modo de vida distinto: é preciso pensar e agir de acordo com esse pensamento. Além disso, a Filosofia não está em livro nenhum: a Filosofia acontece na alma daquele que se dedica ao pensamento, e esse acontecimento se dá quando o homem, dialogando com sinceridade e sem arrogância com os que lhe são semelhantes em espírito, consegue acender dentro de si a chama da razão.

Alegoria

É um conjunto de metáforas; metáfora é uma figura de linguagem que consiste em transpor o significado de um termo para outro. Por exemplo: “o véu da cachoeira”, a palavra “véu” é usada neste caso em sentido metafórico, pois, propriamente, “véu” se diz do tecido branco que as noivas trazem sobre a cabeça.



Platão e Aristóteles dialogando (detalhe de A Escola de Atenas, de Rafael, 1510-11).

CONCLUSÃO

Para Platão, a Filosofia passa a existir quando se torna viva na alma daqueles que dialogam entre si filosoficamente. A Filosofia é essa palavra viva na alma do homem que reflete, buscando saber quem é, em que mundo vive e como deve viver. O homem que faz estes questionamentos e encontra amigos para compartilhar essas questões está filosofando verdadeiramente, pois a Filosofia está viva em sua alma. O filosofar não se ocupa de ler muitos livros, falar sobre muitas coisas, tagarelar sobre as idéias dos outros, mas refletir profundamente sobre si mesmo e a realidade junto aos seus verdadeiros amigos.

RESUMO

Os diálogos de Platão são muito famosos e continuam inspirando os homens em sua busca pelo conhecimento. Na República, Platão escreve sua famosa “Alegoria da Caverna”, em que faz uma metáfora da educação e da ignorância. Nessa alegoria, Platão descreve os homens ignorantes como prisioneiros acorrentados no fundo de uma caverna escura, não tendo acesso senão aos reflexos dos objetos verdadeiros que passam atrás deles, diante de uma fogueira. Na sua **Carta Sete**, Platão faz um admirável exercício socrático de reconhecimento da própria ignorância, valorização do diálogo entre os homens e denúncia dos falsos donos da verdade. Nessa carta, Platão afirma que a Filosofia passa a existir quando se torna viva na alma daqueles que dialogam entre si filosoficamente. Não se trata o filosofar de ler muitos livros e falar sobre as idéias dos outros, mas de refletir sobre si mesmo e a realidade junto aos verdadeiros amigos.



Carta Sete
Carta aberta de Platão aos atenienses.

ATIVIDADES

1. Explique, com base em sua compreensão sobre esta aula, o que significam, na “Alegoria da Caverna” de Platão, os homens acorrentados no fundo da caverna.
2. Explique por qual razão uma falsa opinião nos “acorrenta”.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na atividade 1, você deverá dizer que os homens presos no fundo da caverna são todos aqueles que são vítimas das falsas opiniões e da ignorância. Na atividade 2, você deverá explicar que uma falsa opinião nos acorrenta porque não nos deixa ver as coisas como realmente são, da mesma forma que, se formos presos no porão de uma casa, não mais poderemos ver a luz do sol.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, falaremos sobre Aristóteles, um dos maiores gênios que a humanidade já conheceu. Estudaremos brevemente a apresentação feita por Aristóteles sobre os sofismas.



REFERÊNCIAS

Platão. **Diálogos**. Nova Cultural: São Paulo, 2005.